



RAM. Revista de Administração Mackenzie  
ISSN: 1518-6776  
[revista.adm@mackenzie.com.br](mailto:revista.adm@mackenzie.com.br)  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Brasil

SWIRSKI DE SOUZA, YEDA; BIGNETTI, LUIZ PAULO

Introdução ao Fórum sobre Gestão Social

RAM. Revista de Administração Mackenzie, vol. 14, núm. 6, noviembre-diciembre, 2013, pp. 14-17  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=195429392002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## INTRODUÇÃO AO FÓRUM SOBRE GESTÃO SOCIAL

O sociólogo Alain Touraine, em sua obra *Crítica da modernidade*, utiliza uma metáfora para caracterizar a sociedade atual. Para ele, a sociedade poderia ser considerada uma embarcação composta por três grupos distintos: os pilotos, os passageiros e tripulantes, e os naufragos. Os pilotos, um pequeno número, são aqueles que comandam, dão as ordens, conduzem a sociedade. Os passageiros e tripulantes constituem os consumidores e os trabalhadores assalariados. Os naufragos, uma carga inútil jogada ao mar, são os marginalizados, os que vivem em situação de miséria (TOURAIN, 1997). Essa multidão de excluídos, somente na América Latina, representa 247 milhões de indivíduos colocados nas linhas de pobreza e de indigência, correspondendo a 43% da população total.

A questão intrigante sobre os estudos em Administração é que, desde as abordagens pioneiras até os dias atuais, eles se voltam fundamentalmente para os dois primeiros grupos. As discussões tradicionais enfatizam a racionalidade econômica e o desempenho competitivo. Uma análise histórica até mesmo superficial mostra que predominam abordagens sobre estratégia, sobre liderança, sobre estrutura e processos organizacionais. Prescrições sobre como planejar, organizar, comandar e controlar, para citar as quatro funções básicas, são voltadas para a empresa e, em grande parte, para a geração de lucros. Estudos motivacionais procuram tanto a conformidade dos trabalhadores às diretrizes organizacionais em busca da produtividade como se preocupam com a saúde e a felicidade dos empregados.

Entretanto, quanto aos naufragos, tornaram-se eles preferencialmente objeto de estudo das Ciências Humanas e Sociais puras, que denunciaram a crise do capitalismo e a marginalização das populações. Constataram a miséria do mundo (BOURDIEU, 2011), que se caracteriza por fortes contradições sociais entre a produção de riqueza e a consequente geração da exclusão. Por seu viés contestador do *status quo* e por sua luta por mudanças radicais nas relações entre capital e trabalho, preocuparam-se em posicionar-se criticamente e em manterem-se afastadas do *mainstream* dos estudos organizacionais.

Se os naufragos haviam sido esquecidos pelas empresas e pelos impulsionadores do crescimento econômico, restava atribuir ao Estado e às organizações da

sociedade civil o encargo de oferecer soluções às necessidades sociais. Assim, a Gestão Social passou a ser entendida como a gestão de organizações voltadas ao social. De fato, a partir da última década do século passado, proliferaram estudos sobre a gestão do terceiro setor e sobre as organizações não governamentais, cujos objetivos nem sempre se referiam à emancipação, à inclusão e à cidadania plena, mas por vezes ao voluntariado, ao assistencialismo e à filantropia.

Essa visão da Gestão Social, no entanto, parece ser parcial, já que considera que o social deveria ser abordado pelo Estado e por organizações da sociedade civil uma vez que, por definição, o lucro e o social seriam mutuamente excludentes. Neste fórum, propõe-se que uma definição mais ampla da Gestão Social deveria ser levada em conta, considerando-se os seguintes aspectos:

1. A Gestão Social é atribuição de todos. Empresas com fins lucrativos, organizações públicas, organizações da sociedade civil e empreendedores públicos e privados, se constituem em importantes atores para a resolução das desigualdades. A gestão do social é uma construção realizada pela conjugação de múltiplas fontes de solução.
2. A Gestão Social pode se voltar ao social e ao lucro, que não são mutuamente excludentes.
3. A Gestão Social é dirigida para a emancipação e a inclusão social. As ações empreendidas não se vinculam precipuamente ao assistencialismo, mas à busca constante da inserção dos excluídos da sociedade e do exercício pleno da cidadania.
4. A Gestão Social deve incorporar ferramentas e técnicas modernas de Administração, voltadas ao ambiente específico da exclusão social.
5. A Gestão Social harmoniza ações das organizações e instituições com o meio ambiente e com todos os *stakeholders*. A Responsabilidade Social Corporativa é um dos requisitos para a plena Gestão Social.

A ampliação do entendimento da Gestão Social traz para os estudos organizacionais novos e estimulantes desafios. Em primeiro lugar, trata-se de gerar um deslocamento do eixo funcionalista para um enfoque mais subjetivista, que leve em consideração a pessoa como sujeito e não apenas a empresa. Contribuições de autores não pertencentes ao paradigma dominante se revestem de importantes germes de cristalização de novas ideias. Em segundo, e como consequência, significa buscar em outras disciplinas, como a sociologia, a antropologia, a filosofia e até mesmo na economia, novos embasamentos teóricos para gerar soluções criativas que atendam às necessidades sociais. Nesse sentido, a interdisciplinaridade mostra-se como requisito essencial. Em terceiro lugar, abordagens desenvolvidas no seio dos estudos organizacionais, e tradicionalmente dirigidas para

empresas com fins lucrativos, podem também ser utilizadas para trazer maior eficiência e eficácia aos projetos sociais. Em outras palavras, é possível adaptar princípios de Administração desenvolvidos ao longo dos anos para a solução dos problemas sociais. Em grande parte, o fórum apresentado neste número contempla essa multiplicidade de enfoques.

O projeto de estabelecer fórum sobre Gestão Social na RAM surgiu da constatação do expressivo número de artigos submetidos à Revista e alinhados com o tema. Os artigos que compõem o fórum trazem perspectivas teóricas, abordagens metodológicas e contextos empíricos distintos, o que confere riqueza e qualidade ao material apresentado.

O ensaio teórico de Miguel Rivera Peres Júnior, José Roberto Pereira e Lucas Canestri Oliveira indica um caminho teórico para a análise da Gestão Social, fundamentado na Teoria da Estruturação, proposta pelo sociólogo inglês Anthony Giddens. Os autores entendem que a perspectiva estruturacionista fornece subsídios consistentes para a compreensão das práticas de Gestão Social, especialmente, no que diz respeito ao processo de estruturação do sistema deliberativo e da formação da esfera pública, bases de sustentação teórica da Gestão Social.

Dois dos artigos apresentados exploram dimensões da Gestão Social em contextos brasileiros. Projetos de extensão universitária na região do Grande ABC paulista são analisados por Silvia Gattai e Marco Aurélio Bernardes que discutem sobre o processo socioeducativo presente em movimentos de economia solidária e da contribuição da universidade nesse processo. O contexto da refinaria de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, recebe um olhar etnográfico no estudo de Hélio Arthur Reis Irigaray, Sylvia Constant Vergara e Marcio Cesar Franco Santos. Esse estudo discute sobre a congruência entre práticas discursivas da empresa e a perspectiva da comunidade.

Compõe também o fórum um trabalho de colega da Índia. Trata-se do estudo de Subhasis Ray que aborda os efeitos de medidas regulatórias para Responsabilidade Social Corporativa propostas pelo governo indiano para assegurar o apoio social para os objetivos de desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Nossa expectativa é a de que esse fórum alimente a discussão sobre Gestão Social no contexto dos Estudos Organizacionais a fim de torná-la cada vez mais densa no plano teórico e robusta em suas perspectivas metodológicas.

Com especiais agradecimentos aos autores e avaliadores que com sua contribuição tornaram possível a composição desse fórum, nossos votos de boa leitura.

YEDA SWIRSKI DE SOUZA

Editora convidada

*Doutora em Psicologia pelo Departamento de Psicologia da*

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).*

*Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Universidade*

*do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).*

E-mail: [yedasou@unisinos.br](mailto:yedasou@unisinos.br)

LUIZ PAULO BIGNETTI

Editor convidado

*Ph.D. em Administração pelo Departamento de Administração da*

*École des Hautes Études Commerciales (HEC) do Canadá.*

*Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação da Universidade*

*do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).*

E-mail: [bignetti@unisinos.br](mailto:bignetti@unisinos.br)

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. (Coord.). *A miséria do mundo*. Tradução Mateus S. Soares Azevedo. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 748 p.

TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. Tradução Elia Ferreira Edel. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 431 p.